

MODALIDADES DA REMEMORAÇÃO NO CONTO

“A TEMPORARY MATTER” DE JHUMPA LAHIRI

**MODALITIES OF REMEMORATION IN JHUMPA LAHIRI’S SHORT STORY
“A TEMPORARY MATTER”**

Dionei Mathias¹

Deborah do Carmo Filippetto²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as estratégias de administração de memória no conto “Uma questão temporária”, parte da coletânea *Intérprete de Males*, escrito por Jhumpa Lahiri. O enredo narra a crise no matrimônio do casal Shoba e Shukumar, ambos pertencentes à segunda geração de imigrantes indianos nos Estados Unidos. A análise deseja discutir como os personagens administram a rede de sentido inerente a suas memórias e como esses sentidos causam um impacto sobre sua narrativa de identidade. Ao revisitar memórias pessoais e culturais, o casal empreende uma revisão de suas narrativas, reajustando os elos de coesão que as legitimam. Para isso, são utilizados os estudos de Brockmeier (2002) e Anderson (2008), a fim de discutir o processo de repressão e atualização dos sedimentos de memória e de entender a importância atribuída a estas memórias na produção de malhas de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Jhumpa Lahiri; *Intérprete de Males*; “Uma questão temporária”; Memória; Sentido.

ABSTRACT: This article aims to analyse the strategies of memory administration in the short story “A temporary matter”, part of the collection *Interpreter of Maladies*, written by Jhumpa Lahiri. The plot tells the story of Shoba and Shukumar’s marriage crisis, both belonging to the second generation of Indian immigrants in the USA. This analysis wishes to discuss how the characters deal with the net of meanings inherent to their memories and how these meanings cause an impact on their identity narrative. By revisiting their personal and cultural memories, the couple undertakes a revision of their narratives, readjusting the links of cohesion that legitimate them. For this purpose, Brockmeier’s (2000) and Anderson’s (2008) studies are taken into account, in order to discuss the process of repression and actualization of memory sediments and to understand the importance assigned to these memories in the production of meaningfulness.

KEYWORDS: Jhumpa Lahiri; *Interpreter of Maladies*; “A temporary matter”; Memory; Meaning.

¹ Doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo e pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. E-mail: dioneimathias@gmail.com

² Graduanda do curso de Letras – Inglês e suas Literaturas na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: deborah.filippetto@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na virada do milênio, no ano de 2000, o prêmio Pulitzer de Ficção é atribuído a Jhumpa Lahiri, autora americana de pais indianos. Nesse mesmo ano, um dos finalistas é Ha Jin, autor de origem chinesa. Ambos acabaram se tornando duas importantes vozes da assim chamada Literatura Asiática Americana (ADAMS, 2008). Para os dois autores talvez seja possível afirmar que, além dos vetores de afiliação com o continente asiático, eles têm em comum um interesse pela memória e seus meandros de concretização na experiência pessoal. Ambos parecem empreender um esforço para recuperar ou administrar, por meio de seus textos literários, sedimentos da memória (pessoal, nacional, cultural) de seus contextos, a fim de registrar e encenar vozes do passado, num lugar de fala diferente.

Isso parece especialmente relevante para a coletânea *The Interpreter of Maladies* de Jhumpa Lahiri, vencedora daquele ano. O texto reúne contos que, de um modo ou outro, encenam a forma como personagens ficcionais buscam caminhos para administrar memórias e inseri-las em suas narrativas de identidade. Exemplo paradigmático disso é o conto “A temporary matter”, que abre a coletânea e problematiza o modo como o casal Shoba e Shukumar lidam com suas memórias. Nisso, há dois vetores importantes: a memória pessoal e a memória cultural. A primeira se transforma em foco de atenção, quando o casal passa por uma crise conjugal e faz um acerto de contas com o passado. A segunda surge de modo indireto, até certo ponto acompanhando o processo de distanciamento do casal.

Memória como narrativa do passado tem um papel fundamental nas narrativas mais amplas da identidade e nas concepções do si. O ponto de partida parece residir na atribuição (consciente ou inconsciente) de sentido, nos diversos tipos da organização discursiva de memória. Se algum acontecimento se assenta como sedimento na memória pessoal, nacional ou cultural, isso ocorre por conta da importância conferida, isto é, por conter dimensões de sentido que a respectiva instância organizadora considera relevante na sua forma de enxergar o mundo e negociar sua identidade (POHL, 2010, p. 77). Com base no sentido, o sujeito organiza sua narrativa de memórias, armazenando ou descartando informações que impactam em sua concretização existencial:

Selecting information, be it for encoding or retrieving, means rejecting and excluding other information – information deemed to be obscured, repressed or forgotten. Furthermore, because remembering as selecting always creates gaps,

distortions, contradictions and other incoherences, it also is reconfiguring: by closing or ignoring gaps and omissions, it arranges new orders and creates new coherences. That is, it is organizing and reorganizing the selected fragments of memory into meaningful schemata, to use Bartlett's term. Again, what is not integrated into schemata (and is subsumed under certain ideas of meaningfulness) is left out, suffering the fate of most of our experiences: to drift from a short life in consciousness into oblivion (BROCKMEIER, 2002, p. 22).

Brockmeier chama atenção para essa primeira e mais importante dinâmica da memória que reside em armazenar e descartar. Nisso, contudo, vale ressaltar que muitas informações, embora descartadas da narrativa consciente para fins de representação, ainda permanecem ativas, mesmo se reprimidas, obscurecidas ou temporariamente esquecidas. Na dinâmica de produção de sentido, o sujeito por vezes tem interesse em reprimir informações, a fim de evitar um confronto com experiências de dor ou desconforto, tanto no plano pessoal biográfico como no plano cultural de pertencimento.

Com a finalidade de elidir essas incongruências do consciente, o sujeito empreende um grande esforço para gerar novas disposições dessas narrativas, desejando restabelecer sua coerência. A estabilidade dessa coerência justamente se revela como essencial, pois ela vai garantir o grau de impacto do sentido no universo pessoal do sujeito. Com isso, alguns acontecimentos que, em outro momento, tiveram grande importância, podem passar a ser irrelevantes e obsoletos na nova configuração narrativa. Portanto, no trabalho de compreensão das dinâmicas de administração da memória consciente, o foco recai sobre as estratégias de criação de coerência, uma vez que estas são responsáveis pelos sentidos que vão guiar as ações do indivíduo.

Um outro vetor importante reside naquilo que é esquecido, muitas vezes, aflorando à superfície do consciente de modo indireto. Em princípio, esquece-se aquilo que não produz malhas de sentido, de modo que o sujeito não investe energias afetivas ou cognitivas para rememorar acontecimentos desprovidos de uma funcionalidade em sua economia anímica. Por outro lado, contudo, o sujeito por vezes não deseja – muitas vezes inconscientemente – empreender o esforço da construção de elos de coerência. Isso significa, que aqueles elementos relegados no porão da memória não têm sentido aparente na narrativa superficial de representação, porém continuam impactando no universo do sujeito, num nível mais velado. Nesse sentido, vale atentar para o modo como esses sedimentos esquecidos são administrados pelo indivíduo.

O que acontece no nível pessoal nessa dinâmica de administração de memórias, de certo modo, também vale para um nível mais amplo da esfera nacional e da memória

cultural. Há elementos inseridos numa narrativa coesa que representam a nação ou a cultura de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008). Ao mesmo tempo, há acontecimentos ou rituais culturais que caem em esquecimento ou que se tornam obsoletos, de acordo com os interesses de produção de sentido daquela comunidade. Para membros pertencentes a contextos de fluxos migratórios, essa dinâmica fica ainda mais complexa, uma vez que são dois contextos macroculturais a serem administrados. Contudo, também aqui, vale atentar para o modo como elos de coerência são construídos e como elementos esquecidos produzem sentidos.

Um olhar sobre a literatura secundária produzida em torno da obra *Intérprete de Males* revela que os estudos, em sua maioria, analisam aspectos da construção de identidade e crises de identidade nacional, analisando isoladamente as expressões culturais. Noelle Brada-Williams (2004) analisa a coletânea de contos, destacando as barreiras de comunicação e conexão entre as pessoas, enquanto Jayachandran e Durairaj (2004) ao lado de Priyanka Sharma (2012) focam em questões como a crise de identidade pelo pertencimento e segurança. De outro lado, Asha Choubey (2005) e Laura Ahn Williams (2007) analisam aspectos metafóricos que a comida possui nos contos de Lahiri. Apesar das amplas análises, a discussão sobre as formas de administração dos sedimentos de memória individual e cultural que influenciam na construção de identidade dos personagens do conto “Uma questão temporária” merece uma análise mais aprofundada.

Pautado por essa problemática, este artigo deseja discutir os modos como acontecimentos são rememorados tanto na esfera pessoal como cultural. Nisso, destacam-se sobretudo os elementos esquecidos (especialmente na esfera pessoal) ou que se tornaram obsoletos (sobretudo na esfera cultural). Interessa, portanto, verificar de que modo essas dinâmicas da memória produzem sentidos que impactam nas narrativas de identidade dos protagonistas Shoba e Shukumar.

FRAGMENTAÇÃO E RUPTURA DA MEMÓRIA PESSOAL

O ponto de partida da narrativa ocorre com o comunicado de que a energia do bairro em que residem os protagonistas seria desligada durante cinco dias, para reparos após uma tempestade de neve. O comunicado do corte de energia na casa do casal surge como questão temporária, o que os obriga a alterar seus hábitos diários para se adequar à breve mudança. A ruptura que se dá no fornecimento da energia, também ocorre em outro

plano, a saber na disponibilização de energias afetivas, cujo investimento se revela como imprescindível para a identidade do casal. Com isso, segundo a perspectiva de Shukumar, existem outras questões temporárias que necessitam readaptação e mudança, na relação do casal, uma vez que, segundo Sharma (2012, p. 5), “Shukumar e sua esposa Shoba comprometem-se a passar uma vida juntos e se encontram incapazes de pronunciar sequer uma palavra um para o outro”³. Com efeito, a interrupção do fornecimento de energia surge, portanto, como metáfora para uma experiência no plano pessoal: interrupção da continuidade do relacionamento, mas também interrupção no acordo tácito de silêncio, em volta de memórias problemáticas.

No decorrer das noites sem luz, em que os personagens se juntam para jantar sob a luz de velas, os protagonistas começam a revelar as estratégias de administração e organização de suas memórias pessoais, através do jogo de rememoração que é proposto por Shoba. Durante a troca de confidências, os personagens buscam informações que são desconhecidas ou que foram reprimidas, trazendo a lume, de seu acervo pessoal, sedimentos obscurecidas ou silenciados, os quais apresentam um potencial substancial de revisão da identidade pessoal e da concepção do si, ao desfazerem a imagem social incorporada por cada um na relação.

A troca de confidências do casal começa com um tom inocente, para na sequência se tornar mais séria, tendo consequências para o modo como enxergam um ao outro. A primeira confissão de Shoba (“A primeira vez que fiquei sozinha em seu apartamento, olhei sua agenda de endereços para ver se eu estava nele”, LAHIRI, 2014, p. 20), ao lado da primeira confissão de Shukumar (“A primeira vez que nós saímos para jantar, no restaurante português, eu esqueci de dar gorjeta para o garçom”, LAHIRI, 2014, p. 21), indica que ambos os personagens ainda buscam selecionar o que será exposto. Nesse momento, ainda há uma preocupação em não desestabilizar o acordo de memória tacitamente firmado pelos dois.

No segundo dia, Shoba traz informações um pouco mais sérias. Estas iniciam um processo de desconstrução e revisão de seus projetos de identidade, pois, como afirma Sharma (2012, p. 5), “[seu] laço matrimonial, que ainda é considerado sacrossanto na Índia, está desmoronando sob a pressão de novas necessidades, diante de um novo

³ “Shukumar and his wife Shoba commits (sic) to spend their life together and find them unable to even utter a word with each other” (SHARMA, 2012, p. 5, tradução nossa).

cenário”⁴, portanto, introduzindo uma dimensão no relacionamento que antes se mantinha neutralizado, a fim de evitar a produção de dor no companheiro. Com isso, a confissão introduz um novo aspecto, o qual os força a revisar suas imagens:

– Aquela vez que sua mãe veio visitar a gente – ela disse, finalmente. – Uma noite, eu falei que ia trabalhar até tarde, mas saí com a Gillian e tomei um martini.
(...) Lembra bem dessa noite; jantar com sua mãe, cansado por dar duas aulas seguidas, querendo que Shoba estivesse em casa para dizer as coisas certas porque ele só conseguia dizer as coisas erradas. Fazia doze anos que seu pai tinha morrido e a mãe passara duas semanas com ele e Shoba para que pudessem homenagear juntos a memória do pai. [...] (LAHIRI, 2014, p. 24).

Ainda imerso em seus pensamentos sobre a desconstrução da imagem que tinha da esposa, Shukumar é interrompido por Shoba, cuja confissão remonta ao momento em que o pai de seu parceiro faleceu. A saída noturna para escapar do árduo trabalho de luto, em princípio, não representa um gravame, mas ao ser confrontado com essa confidência, Shukumar se vê forçado a rever o pacto de lealdade e solidariedade. Assim, ao revisitar o passado, agora com essa nova informação, ele identifica a necessidade também de rever o modo como afetos eram administrados e narrados. A solidez assumida até então começa a ficar porosa, produzindo um estado de desconfiança sobre as informações que tinha adotado para tecer sua narrativa de memória.

Sem muito refletir, ele então dá continuidade ao processo que Shoba iniciara admitindo “Eu coleí no meu exame de civilização oriental na faculdade” (LAHIRI, 2014, p. 25). Apesar de sua confissão não possuir um impacto direto nos sentimentos de Shoba, ela indica primeiramente que o grau de confiança no relacionamento não era aquele que ambos tinham assumido. Um outro conflito reside no fato de que Shukumar quis construir uma imagem identitária diante da parceira que não condizia com seu comportamento. Os dois exemplos parecem corriqueiros, mas em ambos os casos os protagonistas precisam reorganizar elos de coerência e de concatenação, a fim de produzir uma narrativa ainda aceitável.

Assim, noite após noite durante o período em que ficariam sem luz, as confissões começam a trazer informações cada vez mais sombrias. Ao chegar na última noite de reparos da rede elétrica, apesar de estarem preparados para suas confissões finais, a luz é

⁴ “[their] marriage bond which is still considered sacrosanct in India is slithering down under the pressure of new needs under a different background” (SHARMA, 2012, p. 5, tradução nossa).

restabelecida antes do previsto. Shoba então prefere que sua última confissão seja feita com a luz acesa, falando:

– Quero que você veja meu rosto quando eu te disser o que vou dizer – falou, delicadamente (...) – Andei procurando apartamento e encontrei um – disse ela, apertando os olhos aparentemente para olhar alguma coisa atrás do ombro esquerdo dele. A culpa não é de ninguém, ela continuou. Tinham passado por muita coisa. Ela precisava de algum tempo sozinha. [...] Ela havia assinado o contrato essa noite, antes de voltar para casa.

Não conseguia olhar para ele, mas ele olhava para ela. Era evidente que ela havia ensaiado o que dizer. [...] Shukumar sentiu enjoo ao pensar que ela havia passado as noites anteriores se preparando para uma vida sem ele. Ficava aliviado, mas ao mesmo tempo enjoado. Era isso que ela vinha tentando lhe dizer nas últimas quatro noites. Era o motivo do jogo dela. (LAHIRI, 2014, p. 28-29)

Com as memórias individuais reprimidas sendo expostas, o casal se vê confrontado com a necessidade de revisar as malhas de sentido que mantinham a coesão de sua relação. Até aquele momento, havia, por mais precária que fosse, uma narrativa comum, construída pelas memórias de experiências compartilhadas em seu espectro privado. Com a troca paulatina de confissões, a qual culmina com a informação de que Shoba tem outros planos, surge uma ruptura que fragiliza completamente suas narrativas de identidade. Isso ocorre em dois aspectos. Primeiramente, a possibilidade da imaginação de um futuro comum desvanece. Em segundo lugar, ambos precisam rever e reorganizar o passado, diante dos novos elos causais que se apresentam por meio das confissões.

A intenção de Shoba trazendo estas informações à superfície não apenas desconstrói as imagens pessoais e sociais criadas pelos personagens em sua relação íntima. A utilização que Shoba faz da luz reforça a importância que ele confere à necessidade de encontrar clareza, não somente no que concerne a seu relacionamento, mas também à forma como organiza suas memórias. Nisso, ela contrapõe a escuridão que perpassa uma parte substancial de suas narrativas à luz como mecanismo necessário para seguir adiante. Nesse movimento, ocorre uma alteração no modo como suas memórias são administradas. Até aquele momento, prevalece o imperativo de evitar a dor, a fim de manter uma narrativa harmoniosa.

A partir da exposição das memórias dolorosas, a estratégia de coesão narrativa que o casal adota é alterada então para o enfrentamento da dor. Quando os personagens ainda imaginavam uma possibilidade de futuro comum, a forma de lidar com as informações que não correspondiam com a imagem social que assumiam no relacionamento era o princípio do ofuscamento destas memórias, mantendo-as fora da luz da consciência, com o intuito de

manter uma relação harmoniosa. Com a ruptura do interesse de dar continuidade à narrativa coletiva, o casal passa então a buscar a rememoração destas informações dolorosas, rompendo o elo de coesão da narrativa que era compartilhada. Ocorre uma interrupção no fornecimento de energia afetiva investida na narrativa comum. Com isso, o princípio de concatenação, utilizado para organizar as memórias, também sofre uma alteração. Se antes os elos de coesão eram criados a fim de manter a harmonia, após a interrupção, o princípio da coesão narrativa se volta para o enfrentamento da dor.

Ao identificar que a parceira Shoba passa a utilizar essa estratégia, Shukubar também revisita o passado para trazer à tona memórias igualmente dolorosas que estavam reprimidas. Consequentemente, Shukumar então faz sua última confissão também com a luz acesa, reorganizando, portanto, as memórias anteriormente presas a espaços escuros:

– Nosso bebê era menino – ele disse. – A pele dele era mais vermelha que marrom. Tinha cabelo preto. Pesava quase três quilos. A mão estava fechada, como a sua durante a noite.

(...) Ele tinha carregado seu filho, que só conhecera a vida dentro dela, tinha apertado o bebê ao peito numa sala escura de uma ala desconhecida de um hospital. Tinha ficado com ele nos braços até uma enfermeira bater na porta e levá-lo embora, e prometera a si mesmo naquele dia nunca contar a Shoba, porque ele ainda a amava então e era a única coisa na vida que ela quisera que fosse uma surpresa. (LAHIRI, 2014, p. 29-30)

Gradualmente, com a desconstrução das malhas de sentido e com a revisão dos elos de coesão, começa então um novo processo de construção de sentido, utilizando para isso as informações anteriormente reprimidas, tanto de si quanto do outro. Através da nova formatação de compreensão, o casal passa a incluir as experiências dolorosas no percurso de construção da memória de sua relação. A dor que ambos carregam, antes velada nos recônditos da memória, passa então a ser compartilhada e visível. Com a exposição de informações que desconstroem as imagens de si e do outro, as memórias passam por uma revisão que dificulta o pacto tácito de solidariedade e que impede um projeto de futuro comum. Diante da revisão da narrativa de memória, agora com novos elos de coesão, o relacionamento de Shoba e Shukumar já não tem a energia para dar continuidade a esse empreendimento. A nova causalidade já não contém a potencialidade para encontrar o sentido necessário para a manutenção da narrativa.

FRAGILIZAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL

De forma distinta da administração da memória pessoal do casal, em que informações problemáticas para a construção da narrativa comum são reprimidas ou obscurecidas, a memória cultural que Shoba e Shukumar possuem é compartilhada, a fim de ser inserida em seu contexto e auxiliar na coesão do sentido da relação do casal. As práticas e costumes, reflexos internalizados pela herança familiar, são trazidas para o cotidiano do casal desde o momento em que os personagens se conhecem. Onde antes havia sedimentos de memória cultural isolados, a partir da troca de experiências e informações, os personagens buscam sua recontextualização, com a construção de uma narrativa comum pautada pelas práticas compartilhadas.

Para Terry Eagleton (2011, p. 15) a cultura é “uma questão de autossuperação tanto quanto de autorrealização”, em que o sujeito modifica e também possui a capacidade de se reinventar através do processo de automodelagem, que une “a ação e passividade, o ardorosamente desejado e o puramente dado”. Assim, a memória cultural que é atualizada pelos personagens, também serve como um dos elos de coesão para a construção de sentido na relação de Shoba e Shukumar.

A exemplo desta transformação, a primeira lembrança de Shukumar, ao conhecer Shoba, remonta à falta de sentido que as práticas culturais possuem de forma isolada para o plano pessoal biográfico dos personagens:

Ele pensou no primeiro encontro deles, quatro anos antes no salão de palestras em Cambridge, onde um grupo de poetas bengaleses estava dando um recital. Acabaram lado a lado em cadeiras desmontáveis de madeira. Shukumar logo se entediou; não decifrava a dicção literária e não conseguia acompanhar o resto da plateia, que suspirava e balançava a cabeça solenemente em certas frases. [...] Quando virou a cabeça para a esquerda, viu uma mulher ao seu lado fazendo uma lista de compras no verso de um folheto e ficou pasmo ao descobrir que era linda. (LAHIRI, 2014, p. 21)

A nível pessoal, Shoba e Shukumar não são capazes de inserir estas experiências culturais na construção de sentido de suas narrativas, pois a falta de relacionamento de ambos com a cultura impossibilita uma experiência de pertencimento que, conforme Sharma (2012, p. 3), “em seu isolamento eles sentem que falta algo vital para suas identidades”⁵. Contudo, a presença e importância destes sedimentos de memória é remodelada durante a narrativa, conforme os interesses de Shoba e Shukumar em investir energia afetiva na construção de uma narrativa comum para ambos. Assim, passam a atribuir importância a estes

⁵ “In their isolation they feel that they are missing something vital to their identities” (SHARMA, 2012, p. 3, tradução nossa)

sedimentos, criando elos de coerência com estes momentos, para administração destas experiências em comum.

A memória cultural que é compartilhada pelos personagens é projetada no relacionamento a partir de uma linha narrativa que pressupõe a constituição familiar, como “uma luta para criar [uma] conexão” (SHARMA, 2012, p. 8)⁶. O sentido inerente aos sedimentos de memória cultural remete ao projeto de coesão do núcleo familiar que os personagens se propõem a constituir. Nisso, durante a primeira noite sem energia na casa, Shoba rememora:

– É como na Índia – disse Shoba, observando enquanto ele arrumava o candelabro improvisado. – Às vezes, a força acabava durante horas. Uma vez, tive de participar de uma cerimônia do arroz inteirinha no escuro. O bebê chorava e chorava. Devia estar com muito calor. O bebê deles nunca havia chorado, Shukumar pensou. O bebê deles nunca teria uma cerimônia do arroz, muito embora Shoba já tivesse feito uma lista de convidados e resolvido qual de seus três irmãos ia pedir para dar ao bebê a primeira comida sólida, aos seus meses se fosse menino, aos sete se fosse menina. (LAHIRI, 2014, p. 19)

Na fala de Shoba, seguida pela exposição do pensamento de Shukumar, encontram-se dois elementos centrais de como os personagens organizam suas memórias culturais. O primeiro está ligado ao planejamento de cerimônias, em consonância com as memórias culturais que envolvem a participação de outros membros do núcleo familiar e pautado pela possibilidade de pertencimento. Já o segundo elemento, é a ruptura desta projeção pela presença de memórias dolorosas, em nível pessoal.

A morte do bebê de Shoba e Shukumar demarca um foco central na fragilização da forma como os personagens administram suas memórias culturais. Antes da morte do filho, o gerenciamento destas memórias culturais era pautado pela possibilidade de concretização de um projeto de identidade, ainda arraigado nas narrativas herdadas pela cultura dos pais. A morte do bebê do casal demarca um fator de fragilização da administração da memória cultural, uma vez que rompe um projeto de futuro e com isso uma importante estratégia de construção de elos de coesão, empregados no projeto de identidade que desejavam construir juntos, através da família. Até o momento da morte, a narrativa cultural indiana, especialmente a cerimônia do arroz, está perpassada de sentido e se encontra integrada nos projetos de identidade do casal. Com a experiência traumática da morte, essa narrativa acaba perdendo sua relevância e permanece silenciada no universo pessoal do casal.

⁶ “struggle to create [a] connection” (SHARMA, 2012, p. 8, tradução nossa)

A rememoração de momentos que envolvem a família dos personagens influencia a forma como Shoba e Shukumar dialogam com os sedimentos de memória cultural. A ruptura de um elo de coesão pela fragilização de sentido determina como as lembranças são compartilhadas e inseridas no presente diegético:

– Lembro que, durante as falhas de energia na casa da minha avó, todo mundo tinha de dizer alguma coisa – Shoba continuou [...] – Era um costume dela. [...] Um poeminha. Uma piada. Um acontecimento do mundo. Por alguma razão, meus parentes sempre queriam que eu contasse o nome dos meus amigos da América: Não sei por que essa informação era tão interessante para eles. (...) Shukumar não tinha passado tanto tempo na Índia como Shoba. Os pais dele, que se instalaram em New Hampshire, costumavam voltar para lá sem ele. [...] Só depois da morte do pai, quando estava no último ano de faculdade, foi que começou a se interessar pelo país e estudou sua história nos livros do curso como se fosse outra matéria do currículo. Agora, ele gostaria de ter tido sua própria história de infância na Índia.

A primeira lembrança sobre o costume que a avó de Shoba mantinha, em primeiro momento, não parece fazer sentido para o personagem. Contudo, com a possibilidade de trazer a prática para o contexto presente dos personagens, o compartilhamento desta memória passa a tomar um novo sentido para o casal. Nesse caso, ocorre o inverso do que aconteceu com a cerimônia de arroz. Esta estava presente no universo pessoal de Shoba e acaba sendo reprimida por conta da morte do filho. A prática da avó, pelo contrário, estava relegada no porão da memória por ter perdido sua presença de sentido, mas neste momento é recuperada para a produção de malhas que impactam sobre a concretização existencial do casal.

Algo semelhante ocorre com Shukumar. Neste caso, até a morte do pai as narrativas culturais da Índia não despertam seu interesse e, portanto, não tem um impacto relevante em sua narrativa de identidade. A morte do pai produz uma mudança no relacionamento cultural com a Índia e tem efeito sobre a administração de suas memórias culturais. Assim, o protagonista passa a empreender um esforço em ter acesso às narrativas culturais do país de origem de sua família, tendo como finalidade remodelar sua própria identidade e obter outras formatações de sentido. Nessa aproximação ao legado cultural reprimido, Shukumar busca preencher lacunas de sua narrativa identitária.

Essa dinâmica de repressão e rememoração também ocorre em outras situações da prática existencial do casal. Em alguns momentos, as memórias culturais são utilizadas como um elemento de coesão no casamento de Shoba e Shukumar. Assim, as práticas e os costumes lembrados e compartilhados são remodelados para serem inseridos no cotidiano

dos personagens, o que ocorre por exemplo com as práticas culinárias e os hábitos alimentares. A utilização de ingredientes específicos no preparo das refeições demonstra a tentativa de manutenção de costumes indianos:

Quando apareciam amigos, Shoba servia refeições que parecia ter levado dias para preparar, com coisas que ela havia congelado e embalado, não coisas baratas de latas, mas pimentões que ela mesma havia marinado com alecrim, e *chutneys* que ela fazia aos domingos, mexendo panelas de tomates e ameixas secas. Seus vidros de boca larga ocupavam as prateleiras da cozinha em pirâmides lacradas, suficientes, ambos concordavam, para seus netos provarem. Agora tinham comido tudo. Shukumar recorrera ao suprimento para preparar refeições para os dois, medindo xícaras de arroz, descongelando sacos de carne dia após dia. [...] Cada receita tinha sua data, revelando a primeira vez que tinham comido juntos aquele prato. [...] Ele não lembrava de ter comido nenhum daqueles pratos, mas lá estavam, registrados na linda letra da revisora de provas de sua mulher. Shukumar agora gostava de cozinhar. Era a única coisa que o fazia se sentir produtivo. Sabia que, se não fosse ele, Shoba era capaz de comer uma tigela de cereal no jantar. (LAHIRI, 2014, p. 15)

A passagem reforça a fragilização das memórias culturais no convívio do casal. A primeira evidência desta fragilização está na falta de importância que Shoba passa a atribuir aos momentos em que compartilham as refeições e ao esmero em seu preparo. Choubey (2005) comenta essa mudança, afirmando que “o afastamento do casal e a falta de comunicação são indicados pelo hábito alimentar deles”⁷. As cuidadosas anotações feitas por Shoba em seu livro de receitas revela que havia um período em seu relacionamento em que a comida indiana e os rituais de preparo representavam uma matriz de produção de sentido. Os pratos que antes eram cuidadosamente planejados passam a perder seu sentido. Nesse caso, a comida como memória cultural estava presente em suas existências e era responsável pela produção de elos de coesão no cotidiano de seu convívio.

Isso muda completamente no presente diegético, quando a tigela de cereal surge como opção aceitável para a alimentação. Na forma como está inserida, a tigela de cereal representa um indício de reorganização das estratégias de rememoração. Se antes havia um esforço substancial dedicado à semiótica culinária, no presente diegético, a alimentação rápida indica primeiramente uma repressão das antigas malhas de sentido e, ao mesmo tempo, uma nova forma de produção de elos. A comida indiana preparada com esmero tinha a função de inserir a narrativa do casal num horizonte de costumes e de sentidos herdados da família, que “induz ao senso de pertencimento entre [o] casal” (CHOUBEY,

⁷ “The couples (sic) sense of alienation and lack of communication is conveyed by their food habit” (CHOUBEY, 2005, tradução nossa)

2005)⁸, enquanto a tigela de cereal claramente mostra a indiferença. A alteração em seu comportamento demonstra a modificação da rede de sentidos, compartilhada pelo casal. O desinteresse pela memória cultural antecipa a crise do casal, que vai culminar na separação.

Um último exemplo dessas dinâmicas de rememoração está na utilização das velas durante o período de escuridão. Ao procurar por velas para iluminar a casa, Shukumar só encontra velas de aniversário, que haviam sido compradas para celebração do aniversário de Shukumar no ano passado. A perda do sentido na narrativa dos personagens é, então, novamente ilustrada pelo estranhamento (“Ele achou estranho não haver velas de verdade na casa” LAHIRI, 2014, p. 17) e pela utilização das velas de aniversário desconectadas de uma celebração, sem uma atribuição de importância aos objetos (“– Só encontrei velinhas de aniversário. [...] – Não tem importância” LAHIRI, 2014, p. 18). Como a prática culinária, a vela como símbolo cultural de comemoração do nascimento perde sua importância na produção de sentido e passa a representar um elemento contingente para narrativa da memória cultural, o que Brada-Williams pontua como “pequenos sinais de negligência que se somam para revelar dificuldades emocionais e distanciamentos mais profundos” (2004, p. 457)⁹.

Assim, a desconstrução da imagem identitária que era afirmada por Shoba e Shukumar possui impactos diretos em suas práticas comuns de gerenciamento de memória cultural. Antes, as memórias culturais eram rememoradas a fim de construir elos de coesão na narrativa comum do casal. Conforme o casal atualiza as memórias da dor, também revisa sua malha de sentido, reorganizando as práticas de manutenção da memória cultural. Antes, o enfeixamento de energia era direcionado à busca de memórias culturais e à reconstrução de seu sentido para a narrativa comum. No presente diegético, a fragilização das narrativas identitárias produz uma revisão das memórias culturais, que traz consigo uma reconfiguração de sentidos e de elos de coesão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oposição entre luz e escuridão na obra, além de remeter à metáfora da experiência pessoal do casal, também é um elemento central no que diz respeito à forma de

⁸ “induces a sense of belonging between [the] couple” (CHOUBEY, 2005, tradução nossa)

⁹ “small signs of negligence add up to reveal deeper emotional difficulties and detachments” (BRADA-WILLIAMS, 2004, p. 457, tradução nossa)

gerenciamento das memórias problemáticas de Shoba e Shukumar. O paralelo final que a obra efetua entre o conforto do útero escuro, também diz respeito ao conforto que os personagens possuíam ao não enfrentar as memórias dolorosas, sem a necessidade de exposição destas informações à luz da consciência. Conforme as memórias mais problemáticas são trazidas à luz, o processo de desconstrução e revisão de identidade impacta na administração de sua identidade cultural. As rupturas que se tornam evidentes, entre a identidade individual e a identidade social, também fragilizam a administração das memórias culturais e pessoais em práticas cotidianas. Os sedimentos de memória passam então a ter um outro sentido, na medida em que deixam de representar uma necessidade para a narrativa identitária mantida até aquele momento.

Antes, o sentido produzido a partir da administração das memórias culturais e íntimas estava associado ao entendimento da relação de ambos como um núcleo familiar, com um projeto de futuro. O elo de coesão direto entre as memórias culturais e íntimas dos personagens, portanto, estava relacionado com uma narrativa de identidade, interessada em manter um projeto comum. Quando esse projeto deixa de ser a base para a produção de sentido, ocorre uma alteração nas modalidades de rememoração. Nisso, as dinâmicas de repressão e atualização têm um papel central, pois são responsáveis pela construção de elos de coesão. Isso vale tanto para a administração da memória cultural como para a memória íntima.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Bella. *Asian American Literature*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRADA-WILLIAMS, Noelle. Reading Jhumpa Lahiri's Interpreter of Maladies as a Short Story Cycle. In: *MELUS*, v. 29, n. 3, 2004, p. 451-464.

BROCKMEIER, Jens. Remembering and Forgetting: Narrative as Cultural Memory. In: *Culture & Psychology*, v. 8 (1), 2002, p. 15-43.

CHOUBEY, Asha. The Postcolonial Web: Food as a Metaphor in Jhumpa Lahiri's Interpreter of Maladies. April, 2005. Disponível em: <<http://www.postcolonialweb.org/india/literatura/lahiri/choubeyl.html>>. Acesso em: 09 de dez. de 2019.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

JAYACHANDRAN, J.; DURARAIJ, M.. Cultural Congruity as a Major Divergence in Jhumpa Lahiri's "Interpreter of Maladies". In: *Asian Research Consortium: Asian Journal of Research in Social Sciences and Humanities*, v. 6, n. 10, 2016, p. 1265-1270.

LAHIRI, Jhumpa. *Intérprete de Males*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

POHL, Rüdiger. Das autobiographische Gedächtnis. In: GUDEHUS, Christian; EICHENBERG, Ariane; WELZER, Harald (eds.). *Gedächtnis und Erinnerung. Ein interdisziplinäres Handbuch*. Stuttgart e Weimar: Verlag J. B. Metzler, 2010, p. 75-84.

SHARMA, Pryanka. Belwilderred Relations in Jhumpa Lahiri's Interpreter of Maladies. In: *Lapis Lazuli: An International Literary Journal*, v. 2, n. 2, 2012, p. 1-11.

WILLIAMS, Laura Ahn. Foodways and Subjectivity in Jhumpa Lahiri's Interpreter of Maladies. In: *MELUS*, v. 32, n. 4, 2007, p. 69-79.